

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
GRADUAÇÃO EM LETRAS FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
FRANCESA

LETICIA SOARES CASTRO

A EXPRESSÃO DA ESPIRITUALIDADE E DO CORPO FEMININO NO LIVRO *EU, TITUBA*, *BRUXA NEGRA DE SALÉM*, DE MARYSE CONDÉ E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

UBERLÂNDIA
2024

A EXPRESSÃO DA ESPIRITUALIDADE E DO CORPO FEMININO NO LIVRO *EU, TITUBA, BRUXA NEGRA DE SALÉM*, DE MARYSE CONDÉ E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Jozelma de Oliveira Ramos

Data da defesa oral: 13 de novembro de 2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 CAMILA SOARES LOPEZ
Data: 18/11/2024 16:49:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a.Dr.^a.Camila Soares Lopez

Documento assinado digitalmente
 MARLI CARDOSO DOS SANTOS CARRIJO
Data: 18/11/2024 17:03:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a.Dr.^a.Marli Cardoso dos Santos

Documento assinado digitalmente
 JOZELMA DE OLIVEIRA RAMOS
Data: 18/11/2024 15:24:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a.Dr.^a.Jozelma de Oliveira Ramos

AGRADECIMENTOS

A literatura foi o meu primeiro amor. Ainda me lembro de, aos dez anos de idade, passar mais tempo na biblioteca da escola do que brincando à maneira tradicional. Afinal, descobrir as histórias que moravam dentro dos livros, em cada nova palavra aprendida, imaginar e escrever um final diferente para aquelas que não me agradavam, era confortável e ainda é uma espécie de refúgio. Escolher cursar Letras teve muito a ver com essa sensação nostálgica e boa de familiaridade, mas também foi especial por encontrar outras pessoas que partilhavam deste mesmo amor pela ficção, pelo aprendizado de língua estrangeira, pelos mistérios que existem por trás de cada palavra escrita e cada coisa que a gente fala.

Gostaria de agradecer a cada pessoa que esteve ao meu lado pelos últimos quatro anos: minha orientadora – pela paciência e pelo conhecimento compartilhado, meus colegas de curso e as amizades e as conexões que fiz pelos corredores da UFU. Também, um agradecimento especial à minha família por me acolher e me auxiliar sempre que tudo parecia tão incerto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A ESPIRITUALIDADE E A ANCESTRALIDADE COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NAS NARRATIVAS DE CONDÉ E VIEIRA JÚNIOR	10
O CORPO FEMININO, O SEXO E O DESEJO NAS OBRAS DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR E MARYSE CONDÉ	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	18

A EXPRESSÃO DA ESPIRITUALIDADE E DO CORPO FEMININO NO LIVRO *EU, TITUBA, BRUXA NEGRA DE SALÉM*, DE MARYSE CONDÉ E *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Leticia Soares Castro

Orientadora: Prof.^a Dra. Jozelma de Oliveira Ramos

Resumo

Esse trabalho busca fazer uma análise de literatura comparada entre o romance da escritora guadalupense Maryse Condé, *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém* [1986] (2019) e *Torto Arado* (2019) do escritor brasileiro Itamar Vieira Júnior. O presente estudo considera a questão da representatividade de gênero, presente em ambas as obras, por meio do protagonismo feminino. Nesse sentido, a primeira questão a ser discutida é a maneira como a espiritualidade, dentro do universo feminino, é abordada nas referidas narrativas, dando ênfase à questão da ancestralidade e a conexão entre personagens vivas e não vivas. A partir disso, delinearemos algumas similaridades e diferenças estéticas que se expressam nas referidas narrativas e suas implicações. Em seguida, faremos uma análise da importância do corpo feminino em ambas as narrativas, procurando demonstrar como a problemática do desejo e do sexo suscitam discussões socioculturais importantes. Por fim, destacaremos a importância do contato com as literaturas de expressão francesa dentro do curso de Letras Francês da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pois as disciplinas de literatura são uma porta de entrada para um mundo novo que, ao mesmo tempo, pode fazer referência à nossa realidade sociocultural, como é o caso das narrativas aqui representadas as quais discutem, entre outras coisas: a ancestralidade, os efeitos da colonização, a busca pela identidade e a autonomia do corpo feminino, o exercício da espiritualidade, entre outras questões muito caras à realidade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Francófona; Literatura Brasileira; Gênero; Espiritualidade; Corpo Feminino.

Résumé

Cet article propose une analyse comparative du roman de l'écrivaine guadeloupéenne Maryse Condé, *Moi, Tituba... sorcière* [1986] (2019) et de celui du brésilien Itamar Vieira Júnior, *Torto Arado* (2019). Cette étude traite la question de la représentativité du genre, dans les deux romans, à travers le protagonisme féminin. Ainsi, la première question à étudier sera la manière dont la spiritualité, dans l'univers féminin, est traité dans ces narratives, soulignant la question ancestrale et la connexion entre les personnages vivants et non vivants. Sur cette base, nous soulignerons certaines similarités et différences esthétiques exprimées dans ces récits et leurs implications. Ensuite, nous examinerons l'importance du corps féminin dans les deux récits, en essayant de montrer comment le désir et le sexe soulèvent des discussions socioculturelles importantes. Pour finir, nous essayerons de montrer pourquoi le contact des étudiants avec la littérature francophone est fondamental dans le cadre de la Licence en Lettres de l'Université Fédérale d'Uberlândia (UFU). En effet, les études littéraires sont une porte d'entrée vers un nouveau monde qui, en même temps, peut faire référence à notre réalité socioculturelle. Tel est le cas des récits ici représentés qui traitent, entre autres, de l'ascendance, des effets de la colonisation, de la recherche de l'identité, de l'autonomie du corps féminin, et de l'exercice de la spiritualité, parmi d'autres questions bien concernant la réalité socioculturelle du Brésil.

Mots-clés : Littérature Francophone ; Littérature Brésilienne ; Le genre, La spiritualité, Le corps féminin.

INTRODUÇÃO

Esse artigo propõe uma análise comparativa entre a obra *Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salém [1986] (2019)*, de Maryse Condé¹ e *Torto Arado (2019)*, de Itamar Vieira Júnior, considerando aspectos semelhantes e divergentes em ambas as narrativas em se tratando da presença do protagonismo feminino em um contexto de escravidão e suas implicações, e a espiritualidade.

Na obra de Maryse Condé, a autora trata da trajetória de Tituba, uma das primeiras mulheres julgadas na caça às bruxas, em 1692, no estado de Massachussets, durante o período colonial. Através da narrativa em primeira pessoa, o leitor é apresentado à protagonista, cuja história se inicia em tempos anteriores ao seu nascimento, perpassa a sua vida adulta e chega ao fim quando é julgada. Nesse sentido, essa obra se faz importante por colocar no centro da narrativa uma mulher negra colonizada ao invés de, tradicionalmente, o fazer do ponto de vista do colonizador. Pode-se dizer, então, que essa narrativa suscita discussões importantes que denotam lacunas presentes na história, tais como, evidenciar o ponto de vista do oprimido.

Por outro lado, a obra de Itamar Vieira Junior, inicia-se com uma narrativa intimista e com diversas personagens narradoras, sendo essa obra dividida em três partes, levando o leitor a acompanhar o ponto de vista de cada um dos narradores personagens. O ponto de partida se dá por um conflito: ao encontrar uma faca reluzente na mala da avó, Bibiana e Belonísia, ainda crianças, sofrem um acidente grave quando uma delas coloca o objeto cortante na boca.

Devido às condições precárias nas quais as personagens viviam, dentro do contexto de uma Chapada Diamantina escravagista, com quase nulas oportunidades de escape deste destino, uma das garotas acaba muda pela falta de um tratamento mais imediato, fazendo com que as duas irmãs se tornem dependentes uma da outra. Entretanto, tal dependência se atenua no decorrer da narrativa, na medida em que ocorre o desenvolvimento dessa fase para o momento em que cada uma delas começa a trilhar seu próprio caminho.

Como se vê, em ambas as obras estudadas, as protagonistas femininas estão inseridas em um contexto de escravidão, mas para além dessa semelhança, também há a expressão da

¹ A escolha pela edição traduzida da obra de Condé foi uma decisão tomada afim de promover uma acessibilidade maior para os falantes de português. Embora a leitura tenha sido feita de maneira conjunta com a obra em língua original, fez-se importante trazer a versão traduzida para este trabalho, considerando a parte do público-alvo que possui um menor contato com o francês.

espiritualidade – embora em diferentes níveis, considerando que a protagonista de Condé aprende os ensinamentos através de Man Yayá, outra personagem da narrativa. Ao passo que, na referida obra de Vieira Junior, a passagem de conhecimento é perpetuada através de rituais e oferendas.

Com efeito, a temática da espiritualidade une as duas obras no sentido da expressão da ancestralidade como forma de resistência e resiliência feita em comunidade. Sendo assim, em ambos os casos, a comunicação com aqueles que já se foram ainda se dá através do incentivo à essa conexão. Dentro dessa perspectiva, observa-se uma espécie de corrente que une personagens mortas, as quais enfrentaram grandes desafios, àquelas que precisam de auxílio. Desse modo, dentro dos limites da própria ideia da interação espiritual no mundo dos vivos, as personagens que já morreram aconselham as que estão vivas em seus dilemas.

Por essa razão, o presente artigo buscará observar, entre outras coisas, como a espiritualidade e a ancestralidade se manifestam em ambas as obras, promovendo uma conexão entre o mundo como o conhecemos e o mundo dos mortos. Efetivamente, as personagens das narrativas em questão, guardadas as devidas diferenças, estão em um mundo onde celebrar suas origens e aqueles que já se foram é perigoso. Ainda assim, esse é um dos pontos de convergência entre Condé e Vieira Júnior: as mensagens que as personagens não-vivas tentam passar para as personagens vivas, mesmo que essas últimas não possam interferir em seu destino e que farão suas próprias escolhas, respeitando ou não os conselhos do além.

Em uma passagem da obra de Condé, por exemplo, Man Yaya e Abena, ambas personagens que se comunicam com Tituba de maneira espiritual, alertam a mesma quanto ao encontro que ela havia marcado com John Indien: “(...) tudo aquilo, as reticências de Man Yaya, as lamentações da minha mãe, poderia ter me incitado ter prudência. Mas não. No domingo, fui a Carlisle Bay” (CONDÉ, 2019, p.29). Dessa maneira, embora possuíssem uma visão mais ampla a respeito do que poderia acontecer, no futuro, quando Tituba se casasse com John Indien, podemos dizer que o comportamento de Man Yaya e Abena evidencia como o acesso à espiritualidade não interfere exatamente no destino da protagonista, mas a torna ciente de que suas decisões terão consequências, e ainda assim ela opte por tomá-las.

Além disso, a cena em questão pode ser uma metáfora para o que se passa na própria mente da protagonista, ou seja, uma manifestação do livre-arbítrio enquanto conceito dentro da espiritualidade. Esse, por sua vez, é explorado de maneira a deixar claro para o leitor que, embora as personagens tenham acesso aos espíritos, elas não estão recebendo revelações claras

sobre o futuro. Na narrativa de Condé, esse tipo de comunicação com energias e fenômenos, os quais não se explicam através da lógica racional humana, são uma forma de mostrar como a personagem principal teria acesso ao mundo sobrenatural – oferecendo, assim, uma pequena experiência com a onisciência, o que reafirma a importância da representatividade dessa cultura religiosa no livro.

Por fim, na conclusão do presente estudo, será ressaltada a importância das literaturas de expressão francesa, enquanto conteúdo acadêmico fundamental na formação dos estudantes de Letras Francês na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Indubitavelmente, tal conhecimento é de extremo valor para a discussão do aspecto intercultural do texto literário francófono, pois trata-se de uma produção criativa que é, ao mesmo tempo, próxima e distante da cultura brasileira, em termos históricos. Segundo GAUVIN (2016),

Escrever em francês na América é aceitar se inscrever em uma dinâmica do instável, uma poética da dúvida e do incerto, uma prática da suspeita. A inquietude é uma força, um privilégio que as literaturas francófonas na América compartilham umas com as outras que, no cenário mundial, confundem e incomodam, pois elas jamais serão definidas no conforto ou na evidência de seu status.² (GAUVIN, Lise, Intercâmbio, 2ª série, vol. 9, 2016, pp. 27-33. Tradução nossa.)

Essa “inquietude das literaturas francófonas na América” de que fala Gauvin, decorre, portanto, não apenas pelo ponto de vista da literatura marginalizada, mas também pelo seu potencial de contar histórias que nos fazem notar como a língua e as literaturas de expressão francesa podem ser diversas nos cinco continentes ao redor do mundo. A língua, afinal, não é estática. Ela se modifica, se adapta e serve para relatar as mais diversas experiências.

Enfim, embora a ficção tenha um distanciamento em relação à realidade, pode-se dizer que ela também é uma forma de acesso às “verdades” inerentes à cultura de um povo. Entender essa questão é um dos aspectos que torna a literatura fundamental para colocar em evidência assuntos complexos, tais como preconceitos e intolerâncias, como será discutido, nas breves linhas desse artigo, por meio das referidas obras de Condé e Vieira Júnior.

² “Écrire en français en Amérique, c’est accepter de s’inscrire dans une dynamique de l’instable, une poétique du doute et de l’incertain, une pratique du soupçon. L’intranquillité est une force, un privilège que les littératures francophones d’Amérique partagent avec d’autres qui, sur la scène du monde, déroutent et dérangeant, car elles ne seront jamais établies dans le confort ou l’évidence de leur statut.”

A ESPIRITUALIDADE E A ANCESTRALIDADE COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NAS NARRATIVAS DE CONDÉ E VIEIRA JÚNIOR

Sabe-se que a espiritualidade é um termo de ampla significação, considerando não apenas sua explicação do ponto de vista linguístico, mas também o seu aspecto filosófico e religioso. Na obra de Maryse Condé, a espiritualidade é expressa através do contato de Tituba com o mundo dos mortos, considerando também os ensinamentos de cura que obteve das mulheres mais velhas que fizeram parte de sua vida, o que torna esse aspecto um ponto chave para todos os eventos que se desencadeiam na trama.

No entanto, diferente de *Torto Arado*, em que o *jarê*³, é o fio condutor da narrativa, essa espiritualidade, em Condé, não está explicitamente atrelada a uma religião. Com efeito, no caso da obra do autor brasileiro, a religião é, também, uma forma de resistência em um ambiente cuja experiência das personagens é sórdida e profundamente presa às limitações que aquele contexto sociocultural impõe a elas.

Pode-se dizer, entretanto, que tais limitações, ainda que de maneira diversa, estão presentes na referida narrativa de Maryse Condé, pois a religião, no contexto da Caça às Bruxas de Salém, é marcada pelo Puritanismo. Esse movimento consistia, grosso modo, em um grupo de protestantes ingleses do séc. XVI e XVII que buscavam “purificar” a Igreja da Inglaterra de práticas que consideravam semelhantes ao catolicismo.

Dentro desse contexto, havia certas limitações quanto ao que poderia ser considerado um tipo de prática aceitável dentro da sociedade em Salém e o que resultaria em um julgamento e investigação como prática de bruxaria. Curiosamente, no ano de 1953, no Martin Beck Theatre em Broadway, esteve em cartaz uma peça de teatro que abordou originalmente essa época histórica: “The Crucible” [As Bruxas de Salém], de Arthur Miller. A peça teatral consistiu em uma tragédia dramática e, por meio de seu enredo, demonstrou a força da teocracia naquele tempo, bem como dos colonizadores puritanos.

Por outro lado, na narrativa de Condé, pode-se dizer que além dessas questões políticas e religiosas, existe também um aprofundamento no imaginário das personagens e em suas

³ O jarê se desenvolveu no interior do estado da Bahia, mais precisamente da região da Chapada Diamantina. As origens do culto remontam a meados do século XIX estando estreitamente vinculadas ao período de desenvolvimento da mineração nessa região [...] Originado nos centros mineradores da Chapada, o jarê gradualmente espalhou-se pelas áreas circundantes de agricultura camponesa, adquirindo nesse processo, novos adeptos e também novas características. (ALVES et al., 2009, p.8)

experiências com o sobrenatural. Em *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém*, por exemplo, a protagonista tem um sonho premonitório antes de realmente se ver no centro das acusações de bruxaria:

Parecendo três grandes aves de rapina, homens entraram no meu quarto. Usavam capuzes pretos que cobriam o rosto por completo; ainda assim, eu sabia que um deles era Samuel Parris, o outro era John Indien e o terceiro era Christopher. Eles se aproximaram de mim segurando um sólido bastão com a ponta bem talhada, e eu berrei: — Não, não! Eu já não vivi tudo isso? Sem dar atenção aos meus gritos, eles ergueram as minhas saias e a dor abominável me invadiu. (CONDÉ, 2019, p.135)

A cena acima denota como essa narrativa da autora é marcada tanto pelo aspecto metafísico contido na obra, quanto pela representação do corpo feminino e suas angústias. Assim, percebe-se por meio desse trecho que o que está por vir é revelado, em sonho, à Tituba em forma de um ato de violação. Entretanto, tal sonho, embora não lhe dê quaisquer pistas de como escapar desse destino cruel, lhe dá uma espécie de aviso prévio.

Em outro trecho, Tituba relata em um diálogo com Christopher, com quem a personagem terá um envolvimento amoroso, quais são os poderes que ela realmente possui, no que concerne as questões da magia e da espiritualidade: “Eu tenho alguns poderes dados pela mulher que me criou, uma nagô. Mas eles só servem para fazer o bem...” (CONDÉ, 2019, p.161).

Os povos “nagô” são oriundos do que é hoje o sudoeste e centro da Nigéria, e no Brasil eles são conhecidos também como *jejes*.⁴

O símbolo é uma realidade que transcende. Um búzio, uma palha, uma conta, um ritmo, transcende seu conteúdo fora do tempo e do espaço. (...) As palavras carregadas de *axe* são forças profundas. (...) Elas têm o poder de tornar presentes os fatos passados, de restaurar e renovar a vida. (...) Pronunciadas no contexto e lugar adequados, as palavras têm a força de trazer consigo os seres e entidades míticos e sagrados. Os *orixa*, nos “terreiros” nagô, são as entidades sagradas agrupadas em panteões, modelos e princípios reguladores dos fenômenos cósmicos, sociais e individuais. (SANTOS, *apud* ALVES et al. 1993, p. 45)

Como se vê, de acordo com SANTOS (1993), é possível ter uma breve noção de como o nagô é uma parte essencial para compreender como a expressão das entidades na obra de Condé é, de certa maneira, tão próxima daquela representada na obra de Itamar Vieira Júnior. Assim, embora designem coisas diferentes, ambas estão presentes dentro do candomblé e são culturas e crenças que se inserem dentro da resistência colonial.

⁴ Considera-se que a origem da palavra ‘jeje’ venha do termo ‘geng’ ou ‘gen’, que hoje em dia designa o dialeto do povo ‘mina’ do Togo e do sudoeste da Bahia. Entretanto, o termo ainda não é uma unanimidade entre os estudiosos do tema. (MATORY, 1999, p.63)

Em *Torto Arado*, como já foi dito aqui, temos o jarê, o qual é chamado de “candomblé dos caboclos”, referindo-se tanto ao fato da miscigenação que ocorre naquela região da Chapada Diamantina com os povos indígenas, quanto ao significado dessa nomenclatura dentro da religião. Sendo assim, o caboclo seria um espírito sábio e evoluído, que se incorpora nos chamados pais de santo e se apresenta na forma de um indígena responsável por guiar as pessoas no plano terrestre. Como podemos constatar na seguinte passagem da narrativa de Vieira Júnior:

Na casa velha havia vivido um homem poderoso que movimentava energias entre o mundo dos vivos e dos mortos. Moveu sentimentos bons e ruins, curou a terra, curou pessoas, evocou espíritos da natureza. Então tudo que havia vivido, todo o movimento de seu mundo de fé estava pairando naquele espaço, e deveria ser encaminhado a um destino. Ela seria desmanhada. Retiraram portas, janelas e o junco que recobria o teto. O pai de santo bateu com ervas nas paredes e entoou cantigas que nunca havia escutado nas brincadeiras de jarê (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.167)

A partir dos exemplos citados, conclui-se que a presença da espiritualidade nas duas obras, é uma escolha narrativa na qual a dimensão cultural religiosa fica representada esteticamente e é também essencial para a elaboração estética dos personagens. Tanto as brincadeiras de jarê de Belonísia e Bibiana, quanto o contato com a mulher nagô que ensinou Tituba grande parte de seus poderes de cura, são aspectos relevantes para a construção de quem elas são, ou seja, do pertencimento cultural e coletivo.

Ainda na obra de Condé, uma passagem abre portas para outra perspectiva interessante de se pensar a respeito da espiritualidade.

Os mortos só morrem se morrerem também em nosso coração. (...) Eles estão aqui, em tudo ao nosso redor, ávidos por atenção, ávidos por afeto. Algumas palavras bastam para trazer seu corpo invisível junto ao nosso, impaciente para ser útil. (CONDÉ, 2019, p.23)

Considerando essa fala da protagonista, é possível perceber que, diferente do que encontramos na obra de Itamar Vieira Júnior, onde as personagens precisam emprestar seu corpo e realizar oferendas às entidades de maneira a manter um ciclo de dar-e-receber que é comum nesta ordem espiritual em contato com o mundo físico, na obra de Condé os mortos parecem apresentar uma posição mais dependente em relação àqueles que estão vivos. Portanto, sem que sua memória seja nutrida e feita presente, eles realmente desaparecerão.

Nesse sentido, observamos como a cultura e as diferentes vertentes das religiões abordadas nesse estudo influenciam na forma como elas são representadas nas obras em questão; assim

como a maneira como as personagens irão ter seus destinos interferidos por uma espécie de intervenção sobrenatural, conforme a construção estética proposta por Condé e Vieira Júnior.

Pode-se concluir que a representação da ancestralidade e a espiritualidade dentro das obras ficcionais estudadas é de suma importância para a compreensão das relações culturais e da representação das religiões aqui citadas. Observando a forma como as referidas práticas religiosas se desenvolvem nas narrativas, notamos que elas são parte essencial da construção da identidade das personagens, da demonstração do conhecimento passado de geração em geração e a comunicação com as personagens não-vivas – uma característica que aproxima as duas obras de tal maneira que se torna possível a relação entre uma e outra. Dessa maneira, podemos observar, em ambas as narrativas em questão, o choque entre a religião e o social, além do sobrenatural com o mundo tangível, dois aspectos que incitam reflexão quanto ao que podemos descobrir sobre a multifacetada cultura brasileira através, também, do que encontramos na literatura francófona.

O CORPO FEMININO, O SEXO E O DESEJO NAS OBRAS DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR E MARYSE CONDÉ

Simone de Beauvoir [1949] (2021), ao discorrer sobre como os fatores biológico e social fazem com que a mulher seja considerada “o outro” em uma sociedade patriarcal, afirma que: “o corpo não é uma coisa, é uma situação” (DE BEAUVOIR, 2021, p. 54). Ainda segundo a filósofa:

[...] é ela [a mulher], entre todas as fêmeas de mamíferos, a que se acha mais profundamente alienada e a que recusa mais violentamente esta alienação; em nenhuma a escravização do organismo à função reprodutora é mais imperiosa nem mais dificilmente aceita [...] em média, as mulheres vivem tanto quanto o homem, mas adoecem muito mais vezes e durante muitos períodos não dispõem de si mesmas. Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles. Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. (DE BEAUVOIR, 2021, p.60)

Entende-se, a partir desse excerto, que a experiência do corpo feminino na sociedade é extremamente complexa. Tal experiência pode alterar ou reforçar um determinismo que é imposto graças à existência do patriarcado, levando em consideração que em cada lugar do mundo ele afeta as mulheres de uma maneira particular. Além disso, não apenas a misoginia é um aspecto que modifica a experiência do corpo feminino com o mundo, mas o racismo, a colonização e a relação autonomia-aprisionamento.

Para além da temática da espiritualidade, a religião também está profundamente ligada com a maneira como o corpo feminino foi visto por séculos a fio, aprisionando a mulher ao seu destino biológico e aos papéis de gênero atribuídos a ela. A narrativa de Maryse Condé traz reflexões importantes nesse sentido, por meio dos diálogos da personagem Tituba com seus interlocutores, os habitantes de Salém, para os quais a cultura religiosa definia os conceitos de corpo, sexo e espiritualidade. A própria personagem Tituba, por sua vez, carrega consigo uma ideia própria e influenciada pelo contexto cultural do que se trata o corpo e quais são os limites dele.

Em uma passagem do livro, Tituba está cuidando de sra. Parris, que está enferma, então ela pergunta à mulher o que o marido dela diz sobre a transformação do seu corpo em decorrência de uma doença:

Ela [sra. Parris] se estourou de rir:
— Minha pobre Tituba, acha que ele percebe?
[...]
— Se você soubesse! Ele me toma sem nem tirar as minhas roupas nem as

roupas dele, apressado para acabar com o ato odioso.

Eu protestei:

— Odioso? Para mim, é o ato mais bonito do mundo — ela afastou a minha mão enquanto eu me explicava.

— Sim, não é isso que perpetua a vida? — seus olhos se encheram de horror:

— Cale-se, Cale-se! É a herança de Satanás em nós. (CONDÉ, 2019, p.55)

Para entendermos melhor o que leva a personagem a pensar tão diferente de Tituba, devemos considerar o que se pensava a respeito do sexo dentro dos limites conjugais e sob a ótica da religião cristã. Dessa maneira, segundo Foucault,

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos [...] regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da quaresma ou das abstinências). (FOUCAULT, 1976, p.27-28)

Essa “linha divisória entre o lícito e o ilícito” de que fala Foucault ilustra como a comunidade na qual vivia a personagem sr.Parris tinha o sexo apenas como mais um dos deveres conjugais. Por outro lado, no contexto sociocultural da personagem Tituba, originária de Barbados, no Caribe, tais privações e culpa religiosa não eram uma questão problemática em se tratando do corpo e do ato sexual.

Efetivamente, o corpo, em certas religiões, é apenas um instrumento. Percebe-se isso tanto na narrativa de Condé quanto na de Vieira Júnior, nas quais o elemento metafísico que perpassa os limites do corpo vivo é colocado em evidência em detrimento das personagens ali representadas.

Entretanto, o desejo, enquanto um dos aspectos a se analisar sobre a representação do corpo feminino nas duas obras, é algo muito relevante na obra de Vieira Júnior. Em *Torto Arado*, a questão do corpo e do desejo, começa a ser discutida a partir do momento em que as protagonistas se veem sob o signo de uma eterna ligação após o acidente ocorrido com a faca, que emudece uma delas, fazendo com que a outra se torne voz pelas duas.

[...] A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.19)

Conforme a cena acima, percebe-se que há uma dependência, uma necessidade dramática de tornarem-se uma só em decorrência da culpa de um fato ocorrido do passado. Esta sensação,

no entanto, começa a se dissipar quando as irmãs alcançam uma idade em que elas precisam e desejam se tornar indivíduos independentes: “Eu e Belonísia, estranhamente, já que estávamos cada vez mais próximas, nos dispersávamos nesses momentos, talvez de forma irrefletida, para disputar a atenção de Severo.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.37).

Depois disso, o breve triângulo amoroso se torna mais complexo quando, certa noite, Bibiana sai para procurar pela irmã para levá-la para dormir e então avista a jovem saindo de um umbuzeiro com Severo. O capítulo termina com a seguinte passagem: “Sem conseguir dormir o resto da noite, nem olhar para minha irmã, fui tomada por um sentimento de decepção e rivalidade que desconhecia até aquele instante.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.46)

Como se vê, o desejo é o catalisador do conflito interpessoal entre e as duas irmãs. Embora esse evento isolado não tenha sido capaz de realmente torná-las inimigas, a busca pelas realizações de seus impulsos, emoções e vontades é um ponto da narrativa que as faz viver vidas muito separadas após esse primeiro gatilho. É parte da construção do desenvolvimento das personagens, mas também de sua percepção e autonomia enquanto mulheres.

Conclui-se, sobretudo, que o corpo feminino, ao perpassar pelas diversas questões problematizadas nas obras de Condé e de Vieira Júnior, revela, através da maneira como suas protagonistas se rebelam, como é importante tomar para si o controle do corpo oprimido. Para tanto, tais personagens mantêm a interação espiritual com outras não-vivas, são responsáveis pelas suas decisões amorosas e sexuais, entre outros fatos. Tudo isso, leva-nos a refletir sobre como o papel da mulher dentro da sociedade se modificou graças ao seu protagonismo, ao longo dos séculos, mesmo que ainda seja vista na posição de “Outro”⁵, como dito por Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* [1949] (2021).

Assim, o que há de similar entre Tituba, Belonísia e Bibiana, se considerarmos tudo o que foi discutido até aqui, é a coragem de assumir para si uma postura resistente em relação ao que lhes foi negado historicamente: o prazer, a ancestralidade, o comando do próprio corpo e do próprio destino.

⁵ De Beauvoir irá dizer que “[...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela (a mulher) é o Outro.” (DE BEAUVOIR, 2021, p.13), o que continua a ser tratado na página seguinte: “[...] nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, teve como um dos objetivos primordiais evidenciar semelhanças e diferenças entre as obras *Eu, Tituba, bruxa negra de Salém* [1986] (2019), da escritora guadalupense Maryse Condé e *Torto Arado* (2019), do autor brasileiro Itamar Vieira Júnior. Para tanto, buscamos demonstrar como a ancestralidade e o acesso à espiritualidade são parte essencial de ambas as narrativas. Além disso, destacamos o fato de que as protagonistas também são atravessadas pela experiência complexa do corpo feminino no contexto sociocultural no qual estão inseridas.

Nesse sentido, esse estudo buscou não apenas criar uma ligação entre as obras, mas também problematizar a questão da representatividade do feminino, a qual metaforiza as consequências do racismo e da colonização em contextos históricos diferentes.

Podemos concluir que, essa relação entre uma obra literária francófona e uma obra literária brasileira foi importante para a compreensão de que os estudos literários, dentro do curso de graduação em Letras-Francês da UFU, precisam ser ministrados levando em consideração a possibilidade de oferecer aos alunos uma visão mais ampla do que é a francofonia e como ela se expressa dentro de países fora dos eixos historicamente dominantes, como o europeu e o norte-americano. Assim, o estudo da literatura nos possibilita perceber também como a cultura do outro pode estar tão próxima da nossa, sendo essa uma reflexão essencial para um futuro professor de língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P.; MÍRIAM, C.; RABELO, V. ENECULT -Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura O JARÊ - RELIGIÃO E TERAPIA NO CANDOMBLÉ DE CABOCLO. [s.l: s.n.]. P.1-2. Disponível em: <<https://www.cult.ufba.br/enecult2009/19441.pdf>>.
- BARILLARI, A. Salem Witch Trials: Tituba. Disponível em: <<https://salem.lib.virginia.edu/people/tituba.html>>.
- BREEN, T. H.; FOSTER, S. The Puritans' Greatest Achievement: A Study of Social Cohesion in Seventeenth-Century Massachusetts. *The Journal of American History*, v. 60, n. 1, p. 5, 1973.
- CHAUNU, Pierre. O tempo das reformas (1250-1550): a Reforma protestante. *Lugar na História*, v. 49-50, Edições 70, 1993.
- CONDÉ, Maryse. Eu, Tituba. [s.l.] Editora Record, [1986] 2019.
- DAVIES, C. B. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 3, p. 747–763, 2010.
- DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: volume 1: volume 2, [s.l.]: Nova Fronteira, [1949] 2021.
- FERREIRA, F. Édouard Glissant e a questão identitária antilhana, 2018.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber, [s.l.]: Editora Paz e Terra, 2021.
- GAUVIN, Lise, Intercâmbio, 2ª série, vol. 9, 2016, pp. 27-33.
- GEORGE, C. H. Puritanism as history and historiography. *Past and Present*, v. 41, n. 1, p. 77–104, 1968.
- MATORY, J. Lorand. Jeje: repensando nações e transnacionalismo. **Mana**, v. 5, n. 1, p. 57–80, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000100003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- MONTEIRO, Pedro Meira. A vista particular, de Ricardo Lísias. *ARS (São Paulo)*, v. 15, n. 29, p. 230–237, 30 abr. 2017.
- SCHIFF, S. As bruxas. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2019.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo: Todavia, 2019.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Leticia Soares Castro, declaro para todos os efeitos
que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

A expressão da espiritualidade e do corpo feminino no livro Eu, Tituba, bruxa negra de Salém, de Maryse Condé e Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior.

foi integralmente por mim redigido, e que assinelei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Uberlândia, 21 de outubro de 2024



Documento assinado digitalmente

LETICIA SOARES CASTRO

Data: 21/10/2024 19:33:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do(a) aluno(a) _____